

IV SIMPÓSIO LUSOBRASILEIRO DE CARTOGRAFIA HISTÓRICA



IV Simpósio LusoBrasileiro de Cartografia Histórica

Porto, 9 a 12 de Novembro de 2011

ISBN 978-972-8932-88-6

Paula André - paula.andre@iscte.pt
ISCTE-IUL; DINÂMIA-CET; CEURBAN

Cartografia Histórica: da fonte documental à página on-line.

Resumo : A comunicação *Cartografia Histórica: da fonte documental à página on-line*, centra-se na ideia de que a investigação académica sobre a cartografia antiga e áreas afins pode gerar conteúdos para exposições virtuais, promovidas pelas instituições detentoras de cartografia histórica e exibidas nos seus sites. A visualização on-line da cartografia histórica (texto, imagem), associada à investigação académica (texto, imagem), permitiria associar informação e imagens de forma eficaz e atractiva, que por sua vez instigariam novas investigações concernentes à área da cartografia histórica e outras áreas afins. A utilização e manipulação da cartografia antiga através da utilização de programas de desenho vectorizado ou o confronto de mapas antigos com a contemporaneidade através de processos de *rescaling*, por um lado fomentam o avanço da investigação e, por outro, são ferramentas atractivas e promotoras do sentido da descoberta para um público menos especializado. A título de exemplo, enunciamos quatro fontes primordiais para o conhecimento do território antigo e medieval (*Etymologiae sive origines*, *Libros del Repartimiento*, *La siensa de destriar*, *La siensa d'atermenar*), nomeadamente dos agentes activos e intervenientes das acções sobre o território, dos instrumentos e métodos utilizados, do conhecimento erudito versus conhecimento empírico, objecto de estudos académicos, cuja articulação com a cartografia histórica muito contribuiria para o avanço de novas investigações. O foco temático comum das exposições virtuais de cartografia histórica poderia ser a definição, a fiscalização, o cálculo, a marcação e a delimitação do território, futuro espaço urbano. O cruzamento de dados de diferentes proveniências, isto é, a confluência de diferentes disciplinas, permite enriquecer a investigação e contribuir para fundamentar o argumento morfológico e em última análise entender a cidade de hoje.

Palavras-chave: cartografia histórica, teses académicas, exposições virtuais

Abstract : This paper *Historical Cartography: from the archive document to online information* focuses on the idea that academic research on old maps and related materials can generate virtual contents displayed on their websites by institutions holding historical cartography. The online display of historical cartography (text, image) connected with academic research (text, image) would link the information available in a more effective and attractive way. The use and handling of old maps through vectorised drawing computer programs or the confrontation of old maps with the contemporary through processes of *rescaling* encourage the progress of research as well as are attractive and promote the sense of discovery for a less specialized audience. Four significant titles for geographic information about territory of antique and medieval times are cited as examples of primary sources: *Etymologiae origines*, *Libros*

del repartimiento, La siensa destrar and La siensa d'atermenar. In these works one can find information about the stakeholders of actions on the territory as well as about the instruments and methods used and scholarly and empirical knowledge. These books have been subject matter to academic studies and their link with historical cartography would be a valuable contribution to new approaches. The crossings of data from different sources i.e. the confluence of different disciplines enriches the research, contribute to support the morphological argument and ultimately inspire news interpretations of cities of today.

Keywords: historical cartography, academic theses, virtual exhibitions

Vivemos actualmente numa época em que não há transmissão de valores, em que há um corte de enraizamento quase colectivo e em que por vezes há uma ausência de sentido. Por isso consideramos que os novos suportes informáticos e digitais podem e devem contribuir para novas formas de transmissão de conhecimento. É estimulante pensar em Cartografia Luso-Brasileira num país que por instinto foi para fora quando na contemporaneidade já não temos fora, hoje tudo é dentro e a virtualidade é o mais importante.

A comunicação *Cartografia Histórica: da fonte documental à página on-line*, centra-se na ideia de que a investigação académica sobre a cartografia antiga e áreas afins pode gerar conteúdos para exposições virtuais, promovidas pelas instituições detentoras de cartografia histórica e exibidas nos seus sites.

Tendo em conta, tal como refere Peter Drucker¹ que vivemos na era do trabalhador do conhecimento, devemos construir ferramentas que potenciem a investigação na área da cartografia histórica, inovando nos sistemas de pesquisa e de divulgação. Consideramos que o trabalho académico deve usar as fontes cartográficas históricas como ferramenta de trabalho na contemporaneidade e que a junção das duas vertentes temporais certamente trará grandes benefícios para um conhecimento operativo. É absolutamente necessário tornar o conhecimento académico, materializado nas teses académicas, num conhecimento produtivo, de modo a podermos alcançar uma produtividade do conhecimento. Os trabalhos académicos são uma fonte incontornável de investigação histórica, descritiva e experimental e detêm uma informação inesgotável e profícua para todas as áreas de investigação cartográfica e áreas afins. No campo da cartografia histórica, a produção académica deve estabelecer e promover uma interactividade entre a investigação e o fazer a cidade hoje. A maior parte das teses desenvolvidas na área da cartografia histórica condensam pesquisas e informação que se encontra fechada em arquivos, espólios, colecções, pelo que a melhor forma de abrir esse conhecimento será torná-lo acessível.

A visualização on-line da cartografia histórica (texto, imagem), associada à investigação académica (texto, imagem), permitiria associar informação e imagens de forma eficaz e atractiva, que por sua vez instigariam novas investigações concernentes à área da cartografia histórica e outras áreas afins. Se é

¹ DRUCKER, Peter. *The Landmarks of Tomorrow: a report on the post-modern world*. New York: Harper & Row, 1959.

verdade que “nós os historiadores investigamos o passado mas ao mesmo tempo também o construímos porque transmitimos uma imagem do que se passou”², também é verdade que “toda a imagem é uma modelação da realidade. As imagens são, sempre, modelos de realidade, independentemente do nível de realidade que possuam”³.

A título de exemplo, enunciámos quatro fontes primordiais para o conhecimento do território antigo e medieval (*Etymologiae siue origines*, *Libros del Repartimiento*, *La siensa de destar*, *La siensa d’atermenar*), nomeadamente dos agentes activos e intervenientes das acções sobre o território, dos instrumentos e métodos utilizados, do conhecimento erudito versus conhecimento empírico, objecto de estudos académicos, cuja articulação com a cartografia histórica muito contribuiria para o avanço de novas investigações. O foco temático comum das exposições virtuais de cartografia histórica poderia ser a definição, a fiscalização, o cálculo, a marcação e a delimitação do território, futuro espaço urbano.

Partindo de um “escrutínio de base gramatical”⁴, Luciano César Garcia Pinto analisa as representações do espaço urbano nas *Etymologiae siue origines* de Isidoro de Sevilha (560-630), salientando que durante toda a Idade Média essa obra foi uma “espécie de enciclopédia-dicionário” do saber da Antiguidade, que permitiu o acesso aos textos dos *antiqui* escritos em latim àqueles que postulavam a carreira eclesiástica. Garcia Pinto, procurando abordar as “investidas etimológicas de Isidoro de Sevilha em direcção à Cidade”, refere que o tema das cidades e concomitantemente as *res* do espaço urbano, é maioritariamente tratado no Livro XV *Dos Edifícios e dos Campos* (*De aedificiis et agris*), sendo nele referenciados alguns exemplos de cidades gregas, romanas e bíblicas. No capítulo 13 *Dos campos* surgem definidos os termos de *ager* (“campo”), *uilla* (“quinta”), *fundus* (“herdade”), *alluuius* (“aluvião”). No capítulo 14 respeitante às demilitações dos campos, são analisados os termos usados para a ideia de “limites”, tais como *finis* (“confins”), *limes* (“limite”) e *terminus* (“termo”). Finalmente, a série de unidades de medida coevas no capítulo *Das medidas dos campos: digitus* (“dedo”), *pertica* (“pértiga”), *actus minimus*. O livro termina com os termos usados para os caminhos tais como *uia* (“via”), *leuga* (“légua”), *strata* (“estrada”). Denotando uma clara preocupação com as origens e as causas das coisas⁵, no capítulo

² LEONÉ PUNCEL, Santiago; MENDIOLA GONZALO, Fernando ed. lit. *Voces e imágenes en la historia: fuentes orales y visuales. Investigación histórica y renovación pedagógica*. Navarra: Ed. Universidad Navarra, 2008.

³ VILLAFANE, Justo; MINGUEZ, Norberto. *Principios de Teoría General de la Imagen*. Madrid: Ediciones Pirámide, 2002.

⁴ PINTO, Luciano César Garcia. A cidade etimologizada: os sentidos acerca do espaço urbano nas *etymologiae* de Isidoro de Sevilha. *Revista Archai: Revista de Estudos sobre as Origens do pensamento Ocidental*. Brasília, n.03, Jul. 2009, p.107-118. PINTO, Luciano César Garcia. *Do que se confia às letras, a ciência gramatical nas Etimologias de Isidoro de Sevilha*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2008. Dissertação de Mestrado.

⁵ De acordo com Isidoro de Sevilha “História é a narrativa dos acontecimentos concretos, pela qual esses, que ocorrem no passado, são destacados. Em grego, porém, história deriva de *historeîn*, isto é, “ver” ou “conhecer”. Com efeito, entre os antigos, ninguém redigia uma história, se a pessoa envolvida não estivesse presente e se essas coisas que são narradas não tivessem sido vistas. De facto, é melhor depreendermos as coisas que

intitulado *Dos edificios públicos* são dadas as principais definições de *ciuitas*, *urbs* e *oppidum*. Segundo Isidoro de Sevilha:

Ciuitas é uma multidão de pessoas reunida pelo vínculo da sociedade, dita a partir de *ciues* (“cidadãos”), isto é, dos próprios *íncolas* (*incola*) da *urbs*, [pelo facto de que ordena consensualmente e conserva a vida de uma grande parte de pessoas]. Com efeito, *urbs* são as fortificações (*moenia*) em si, porém chama-se de *ciuitas* não as pedras mas os habitantes⁶,

o que leva Garcia Pinto a relacionar essa definição com a entrada “Cidade” de Jacques Le Goff no Dicionário Temático do Ocidente Medieval⁷:

A cidade medieval, segundo uma ideia que os clérigos da Idade Média tinham retomado dos Pais da Igreja – em particular de Santo Agostinho – por sua vez tributários dos filósofos gregos e romanos, de Aristóteles e Cícero, não é feita somente de pedras, mas em primeiro lugar de homens, de cidadãos⁸.

Isidoro de Sevilha para além de opor *ciuitas* e *urbs* avança ainda na definição de *Vrbs* referindo que:

foi chamada a partir de *orbs* (“círculo”, “mundo”), dado que as antigas cidades eram feitas em círculo; ou provém da parte da rabiça (*urbum*) do arado, com o qual os muros eram demarcados. [...] Com efeito, demarcava-se o lugar da futura cidade com um sulco, isto é, com um arado. [...] Porém, por isso, circundava-se a *urbs* com um arado, por meio de novilhos de sexo diferente, em vista da mistura das famílias e da imagem daquele que semeia e colhe o fruto⁹.

Finalmente *Vrbs* opõe-se igualmente a *oppidum*:

Disse-se *oppidum* certamente a partir de oposição de muros (*oppositio murorum*); alguns (dizem que) provém de riquezas ocultáveis (*opes recondendae*), pelo facto de que foi murada; outros (dizem que se deve) ao facto de que, nela, o conjunto dos habitantes empresta mutuamente as riquezas a si contra o inimigo. Com efeito, nos primórdios, as pessoas, nuas e inermes, nem tinham redutos (*praesidia*) contra as feras, nem (possuíam) refúgio ao frio e ao calor, nem as próprias pessoas entre si estavam suficientemente a salvo de outras pessoas. Então graças à solércia natural, construíram para si, nas cavernas e nos abrigos silvestres, choças (*tuguria*) e casebres com ramas e canas, a fim de que a vida fosse mais segura, e para que não houvesse passagem àqueles que fossem capazes de matar alguém.

acontecem pelos nossos próprios olhos do que reuni-las de ouvir falar. Com efeito, aquilo que se vê, é narrado sem mentira. Esta disciplina está ligada à Gramática, pois tudo aquilo que é digno de memória é confiado às letras. Por isso, porém, histórias são ditas monumentos, pelo facto de que consagram a memória dos feitos”, in, PINTO, Luciano César Garcia - A cidade etimologizada: os sentidos acerca do espaço urbano nas etymologiae de Isidoro de Sevilha. *Revista Archaï: Revista de Estudos sobre as Origens do pensamento Ocidental*. Brasília, n.03, Jul. 2009, p.117.

⁶ PINTO, Luciano César Garcia. A cidade etimologizada: os sentidos acerca do espaço urbano nas etymologiae de Isidoro de Sevilha. *Revista Archaï: Revista de Estudos sobre as Origens do pensamento Ocidental*. Brasília, n.03, Jul. 2009, p.113.

⁷ LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude. *Dictionnaire Raisoné de l'Occident Médiéval*. Paris: Fayard, 1999.

⁸ PINTO, Luciano César Garcia. A cidade etimologizada: os sentidos acerca do espaço urbano nas etymologiae de Isidoro de Sevilha. *Revista Archaï: Revista de Estudos sobre as Origens do pensamento Ocidental*. Brasília, n.03, Jul. 2009, p.114.

⁹ PINTO, Luciano César Garcia. A cidade etimologizada: os sentidos acerca do espaço urbano nas etymologiae de Isidoro de Sevilha. *Revista Archaï: Revista de Estudos sobre as Origens do pensamento Ocidental*. Brasília, n.03, Jul. 2009, p.114.

Essa é a origem das *oppida*, as quais, porque repartiam a riqueza, por isso disseram que são chamadas *oppidum*. Porém, (dizem que) a *oppidum* discrepa em magnitude e em riquezas de um viço, de um castelo, de um pago¹⁰.

Os *Libros del Repartimiento* são livros de registo onde os escribas do Rei anotavam as doações de propriedade (casa e terreno), os nomes das pessoas que tomavam posse das suas parcelas, descrição sumária do bem concedido, sua situação e por vezes o ano. Estes registos são particularmente ricos quando se pretende investigar sobre os processos de colonização. Alfonso X de Castela, durante o seu reinado (1252-1284), planificou de forma minuciosa a colonização do território de Múrcia. Depois de ter distribuído parcelas às Ordens Militares e alguns dos seus servidores mais próximos, procede à repartição de parcelas das principais cidades (Múrcia, Orihuela, Lorca) através de uma equipa de repartidores (*partidores mayores* e *partidores medianos*) constituída para o efeito. No Cancioneiro *Cantigas de Santa Maria* (1284) de Alfonso X de Castela surgem representados monges usando o método de medir comprimentos através de cordas. Juan Torres Fontes, no seu estudo *Repartimiento de la huerta y campo de Murcia en el siglo XIII*¹¹, analisa o sistema hierarquizado da divisão das propriedades expropriadas aos muçulmanos, o ritmo e as modalidades dessas operações, revelando igualmente a organização técnica do corpo de agrimensores. De acordo com os estudos levados a cabo por Cédric Lavigne, essas repartições “são caracterizadas por uma divisão planeada em longas tiras finas paralelas, delimitadas por estradas utilizadas para moldar uma divisão geométrica dos campos” o que acentua a demarcação de “parcelas geométricas normalizadas”¹². Tal como salienta Cédric Lavigne, o estudo do parcelamento dos solos sempre esteve associado às representações cartográficas, no sentido de decifrar a evolução morfológica urbana. Por outro lado, investigações recentes revelam a sua relação com um processo de colonização agrária, que por sua vez está relacionada com o poder real e a construção do Estado moderno¹³. E Ricardo González Villaescusa chama a atenção para o facto de:

com o uso do arado e a necessidade de delimitar as diferentes unidades produtivas, que não são necessariamente limites de propriedade, surge a regularidade e o limite. Da necessidade de arar e formar

¹⁰ PINTO, Luciano César Garcia. A cidade etimologizada: os sentidos acerca do espaço urbano nas etymologiae de Isidoro de Sevilha. *Revista Archai: Revista de Estudos sobre as Origens do pensamento Ocidental*. Brasília, n.03, Jul. 2009, p.114.

¹¹ TORRES FONTES, Juan - *Repartimiento de la huerta y campo de Murcia en el siglo XIII*. Murcia: Academia Alfonso X el Sabio, D. L. 1991. TORRES FONTES, Juan – *Medidas de superficie y de valoración en el repartimiento de Murcia*. Murcia, 1959.

¹² LAVIGNE, Cédric. Assigner et Fiscaliser les terres au Moyen Âge. Trois exemples. *Etudes Rurales*. Editions de l'E.H.E.S.S., n° 175-176, 2005/3, p.85,86.

¹³ LAVIGNE, Cédric. Assigner et Fiscaliser les terres au Moyen Âge. Trois exemples. *Etudes Rurales*. Editions de l'E.H.E.S.S., n° 175-176, 2005/3, p.81-108.

sulcos no campo de forma regular e quadrangular, construídos de acordo com as condições materiais que os geram: o arado e os bois (...) gerando a forma e a métrica agrária¹⁴.

Bertrand Boysset (1355-1415), nascido em Arles, burguês, inscrito no *Conselho Geral da Cidade*, proprietário de vinhas, empresário de negócios de madeira, cronista e perito em medidas, escreve dois tratados. O primeiro manuscrito, *La siensa de destrax*, centra-se na agrimensura, descreve o perímetro das parcelas de campo para identificar a sua forma geométrica e utilizar os instrumentos necessários para a medição. O segundo manuscrito, *La siensa d'atermenar*, centra-se na demarcação ou delimitação dos terrenos, descritos com uma maior complexidade e uma grande quantidade de desenhos explicativos que demonstrem o descrito nos textos. Pierre Portet¹⁵ fez uma profunda investigação e enquadramento do autor destes dois tratados, inserindo-o no contexto do ensino da agrimensura, no contexto da geometria prática e da medição dos campos na Idade Média¹⁶, chamando a atenção para a variedade de interesses revelados por Bertrand Boysset que vão desde a literatura, à história da Provença, passando pela história da geometria. Pierre Portet analisa em detalhe os conhecimentos técnicos adquiridos da prática da medição e delimitação nos próprios terrenos, que Bertrand Boysset organizou durante 15 anos nos seus dois tratados, com um fim pedagógico. Os manuscritos são consagrados à medição, delimitação, divisão e levantamento dos campos e das propriedades e ainda a questões de ordem jurídica e de cálculo de superfícies. Escritos em provençal e com alguns ter em latim todo o trabalho é profusamente ilustrado através de representações figurativas, desenhos de instrumentos (régua de madeira de diferentes tamanhos, cordas, esquadros de diferentes medidas, compassos, marcos de secção quadrada e circular, fios de prumo, etc) e esquemas geométricos utilizados pelo agrimensor para medir, calcular e delimitar. Para a sua elaboração, Bertrand Boysset, tal como o próprio refere socorreu-

¹⁴ GONZÁLEZ VILLAESCUSA, Ricardo. Arqueología del paisaje e historia agrária: algunas cuestiones de método. *Revista d'Història Medieval*. 7, p. 223-242.

¹⁵ PORTET, Pierre - *Bertrand Boysset, Arpenteur arlésien de la fin du Moyen Âge (vers 1355/1358 – vers 1416) et ses traités techniques d'arpentage et de bornage*. Toulouse: Université de Toulouse II Le Mirail, 1995. 4 vols. Tese Doutorado. PORTET, Pierre. *La vie et les oeuvres techniques d'un arpenteur medieval (v. 1355—v.1416)*. Paris: Editions Manusciits, 2004. 2 vols. PORTET, Pierre; MONIQUE, Clavel-Lévêque. *Bertrand Boysset, Arpenteur arlésien de la fin du Moyen Âge (vers 1355/1358 – vers 1416) et ses traités techniques d'arpentage et de bornage*. *Dialogues d'histoire ancienne*. Vol. 22, n° 2, 1996. p. 239.244. PORTET, Pierre. *La vie et l'aculture de Bertrand Boysset, arpenteur alésien du début du XV siècle*. *Mélanges offerts à Danielle Neirink*. Paris, 1997. PORTET, Pierre. *Arithmétique, géométrie et arpentage au début du XV siècle*. *L'arpenteur arlésien Bertrand Boysset et le calcul*. *Congrès International de Métrologie Historique*, Douai, 1994. *Cahiers de métrologie*. 1996-1997, t. 14-15, p. 47-74.

¹⁶ Tal como refere Murielle Faudot *La Siensa de destrax* já tinha sido editada em 1926 por P. Pansier (*Le traité de l'arpentage de Bertrand Boysset, Annales d'Avignon et du Comtat venaissin*, 12), e em 1988 por M. Motte (*La Siensa de destrax de Bertrand Boysset (1350?-1414) ou le savoir-faire d'un arpenteur arlésien au XIVe siècle*), in, FAUDOT, Murielle – *Redécouverte d'un arpenteur arlésien: Bertrand Boysset (vers 1355-vers 1416)*. LEVEQUE, Pierre ed. lit. *Dialogues d'histoire Ancienne. Hommage à Jean Pouilloux*. Centre Nationale de la Recherche Scientifique, 1995. Vol. 21, n.2.p.363.

se de obras do domínio da geometria (Orbetano de Montepulciano¹⁷), do registo notarial (Arnaut del Puey) e do “conhecimento enciclopédico” (Brunet Latin), chegando mesmo a afirmar que os co-autores da obra são o rei Roberto e o médico e teólogo catalão Arnau de Villanova (1235-1311) - representando-os em pranchas coloridas. Bertrand Boysset, evidenciando um carácter pedagógico e acima de tudo pragmático que leva consigo “a marca da experiência de um homem de terreno”¹⁸, apresenta igualmente as diferentes formas de terreno que podem surgir no decorrer do trabalho de um agrimensor.

Todas estas obras e investigações revelam a manutenção do conhecimento da Antiguidade Clássica no longo período da Idade Média. Referência fundamental foi o *Corpus Agrimensorum Romanorum*, uma recolha de diferentes tratados romanos de agrimensura, herdado através dos copistas medievais, no qual a base do conhecimento geométrico e topográfico é a *groma*, utilizada pelos técnicos romanos (*gromaticii romani*) no traçado de novas cidades, através da demarcação dos eixos *kardo maximus* e *decumanus maximus*. A verdade é que a par da queda do Império Romano surge de imediato o olhar recuperador da cultura clássica, que terá a sua expressão mais visível com o designado “renascimento carolíngio”. Ricardo González Villaescusa chama a atenção para o vocabulário usado na época medieval, particularmente no séc. XIII e XIV, ter raiz clássica, dando o exemplo da figura do “divisor - que por vezes possui o título de *partitore hereditatum*, ou *procuratori hereditatum Regni Valentie*”¹⁹. De acordo com Federico Arévalo, um dos exemplos que formam parte do *Corpus Agrimensorum* é a cópia que se executou no séc. XII de um tratado de princípios do séc. II, atribuído a Hyginus Gromaticus, no qual eram “considerados os diferentes problemas referentes à medição de terrenos, assim como a divisão da terra para estabelecer colónias”²⁰. No tocante à representação em planta não podemos deixar de confrontar o plano conhecido como *Forma Urbis Romae*, realizado entre os anos 204 e 211 d.c. com a planta de um mosteiro ideal, c. 820, descoberta na biblioteca do Mosteiro de Saint Gall, onde surgem representados todos os espaços.

Entendemos crucial a realização de exposições virtuais que articulem a informação contida nas fontes literárias medievais, a cartografia, ou mesmo maquetas, de modo a tornar a relação entre elas mais clara para um público mais alargado que os especialistas.

¹⁷ MONTEPULCIANO, Orbetano de. *Regole di Geometria Pratica*: del manoscritto Moreni 130 (séc. XV), della Biblioteca Riccardiana di Firenze.

¹⁸ PORTET, Pierre. *La vie et les oeuvres techniques d'un arpenteur medieval (v. 1355—v.1416)*. Paris: Editions Manuscripts, 2004. Vol. 1, p.270.

¹⁹ GONZÁLEZ VILLAESCUSA, Ricardo. *Arqueología del paisaje e historia agrária: algunas cuestiones de método*. *Revista d'Història Medieval*. 7, p. 231.

²⁰ ARÉVALO, Federico. *La representación de la ciudad en el Renacimiento*. Barcelona: Caja de Arquitectos, 2003.p.27.

Olhar para um mapa, carta, planta consiste também em analisar o passado e procurar os mecanismos da criação do espaço procurando revelar os agentes dessa acção. Na realidade, não se trata apenas de descrever o que lá está, mas sim procurar elementos de informação que nos permitam conhecer/escrever sobre os processos da feitura morfológica. Estes objectos/dispositivos têm a capacidade de nos atrair visualmente não apenas pelos caminhos narrativos e iconográficos, mas também por caminhos de apropriação de cores e formas, cuja apreensão estética por vezes os aproxima de uma pintura. Segundo James Jerome Gibson, o “campo visual é o resultado do hábito crónico do homem civilizado ver o mundo como se fosse um quadro”²¹. Por outro lado, são objectos através dos quais nos confrontamos com o passado e, de algum modo, um convite ao olhar feito pela cartografia, é um convite à investigação e simultaneamente à imaginação. A nossa imaginação é a grande construtora do virtual, uma vez que “a captação de qualquer imagem pela nossa visão implica o desenvolvimento de uma actividade mental”²², bem o sabia René Magritte quando afirmava que “não «falta» importância ao mistério evocado de facto pelo visível e pelo invisível, e que pode ser evocado de direito pelo pensamento que une as «coisas» na ordem que o mistério evoca”²³. Por outro lado, qualquer fantasia é lida por nós também como uma realidade, uma vez que “basta um rudimento de representação para que todo o nosso saber nele esbarre, conferindo assim uma espécie de profundidade a uma figura plana”²⁴, porque toda a imagem potencia outras imagens. Cabe no entanto salvaguardar que a apreensão estética só é possível se renunciar a toda a pretensão de dominar. A cartografia é reveladora do gosto de possuir o espaço, um espaço de ilusão real, que apresenta uma outra realidade, ultrapassando as fronteiras do visível, criando um novo espaço de visibilidade, que pode e deve ser explorado no mundo virtual.

Concordamos com Maria José Ortega Chinchilla quando foca a questão da necessidade de prestar especial atenção ao contexto quando o objecto de estudo são imagens²⁵, e quando considera que o contexto e a natureza da fonte são, dois campos muito activos no processo de compreensão e interpretação das mensagens visuais. Na contemporaneidade, a amplitude geográfica da investigação na área da cartografia, justifica a realização de exposições virtuais e de plataformas de conhecimento, entendidas como ferramentas de conhecimento, que ultrapasse fronteiras geográficas. Concordamos com Daniela Marzola Fialho quando afirma que “vistos como discursos, os mapas produzem as identidades e

²¹ Citado em GOMBRICH, Ernst. *La imagen y el ojo. Nuevos estudios sobre la psicología de la representación pictórica*. Madrid: Alianza, 1987.p.153.

²² FRANCASTEL, Pierre. *Imagem, Visão e Imaginação*. Lisboa: edições 70, 1987, p.83.

²³ FOUCAULT, Michel. *Isto não é um cachimbo*. São Paulo: Paz e Terra, 2002, p.83.

²⁴ SARTRE, Jean Paul. *L'imaginaire, Psychologie Phénoménologique de l'imagination*. Paris : Gallimard, 1940. Esta relação entre imagem e representação foi tratada por Ernst Gombrich no seu texto *Meditações sobre um Cavalinho de Pau ou as Raízes da Forma Artística*, onde elabora um estudo a partir do não metafórico cabo da vassoura.

²⁵ ORTEGA CHINCHILLA, Maria José. *Percepción y Representación. El territorio andaluz en la cartografía manuscrita del siglo XVIII*. Granada: Editorial de la Universidad de Granada, 2010. Tese Doutoramento.p.105.

as mudanças do espaço urbano ao longo do tempo, dando visibilidade a significados até então invisíveis, ainda que não ocultos, possibilitando, assim, outras práticas e políticas de intervenção urbana”²⁶.

Entendendo que o trabalho de investigação pode fornecer conteúdos expositivos, propomos a realização de exposições virtuais, que cruzem os trabalhos académicos com a cartografia histórica existente nos Arquivos, Bibliotecas ou Coleções, como forma de percepção física e imagética do território, nas suas diferentes escalas.

A utilização e manipulação da cartografia antiga através da utilização de programas de desenho vectorizado ou o confronto de mapas antigos com a contemporaneidade através de processos de *rescaling*, por um lado fomentam o avanço da investigação e, por outro, são ferramentas atractivas e promotoras do sentido da descoberta para um público menos especializado.

Entendemos ser necessário estabelecer parcerias entre as instituições detentoras das fontes cartográficas, as Universidades e os agentes produtores de novas tecnologias. Consideramos que essa fusão resultaria, por um lado, na potencialização do trabalho académico tradicionalmente de acesso restrito, por outro na acessibilidade pública e atractiva da investigação cartográfica, na promoção das entidades possuidoras de cartografia histórica assumida como valor patrimonial e como bem económico e finalmente na revelação pública da representação do território. Usando uma expressão camoniana, dando-se o território a ver claramente visto. O cruzamento de dados de diferentes proveniências, isto é, a confluência de diferentes disciplinas, permite enriquecer a investigação e contribuir para fundamentar o argumento morfológico e em última análise entender a cidade de hoje.

Bibliografia:

ARÉVALO, Federico. *La representación de la ciudad en el Renacimiento*. Barcelona: Caja de Arquitectos, 2003.

DRUCKER, Peter. *The Landmarks of Tomorrow: a report on the post-modern world*. New York: Harper & Row, 1959.

FAUDOT, Murielle. Redecouverte d'un arpenteur arlésien: Bertrand Boysset (vers 1355-vers 1416). LEVEQUE, Pierre ed. lit. *Dialogues d'Histoire Ancienne. Hommage à Jean Pouilloux*. Centre Nationale de la Recherche Scientifique, 1995. Vol. 21, n.2.p.363.

FIALHO, Daniela Marzola. *Cidades invisíveis: para uma história da cartografia como documento de identidade urbana*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010. Tese Doutorado.

²⁶ FIALHO, Daniela Marzola. *Cidades invisíveis: para uma história da cartografia como documento de identidade urbana*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010. Tese Doutorado.

FRANCASTEL, Pierre. *Imagem, Visão e Imaginação*. Lisboa: edições 70, 1987.

FOUCAULT, Michel. *Isto não é um cachimbo*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

GONZÁLEZ VILLAESCUSA, Ricardo. Arqueología del paisaje e historia agrária: algunas cuestiones de método. *Revista d'Història Medieval*. 7, p. 223-242.

LAVIGNE, Cédric. Assigner et Fiscaliser les terres au Moyen Âge. Trois exemples. *Etudes Rurales*. Editions de l'E.H.E.S.S., n° 175-176, 2005/3, p.81-108.

LEONÉ PUNCEL, Santiago; MENDIOLA GONZALO, Fernando ed. lit. *Voces e imágenes en la historia: fuentes orales y visuales. Investigación histórica y renovación pedagógica*. Navarra: Ed. Universidad Navarra, 2008.

ORTEGA CHINCHILLA, Maria José. *Percepción y Representación. El territorio andaluz en la cartografía manuscrita del siglo XVIII*. Granada: Editorial de la Universidad de Granada, 2010. Tese Doutoramento.

PINTO, Luciano César Garcia. A cidade etimologizada: os sentidos acerca do espaço urbano nas etymologiae de Isidoro de Sevilha. *Revista Archai: Revista de Estudos sobre as Origens do pensamento Ocidental*. Brasília, n.03, Jul. 2009, p.107-118.

PINTO, Luciano César Garcia. *Do que se confia às letras, a ciência gramatical nas Etimologias de Isidoro de Sevilha*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2008. Dissertação de Mestrado.

PORTET, Pierre. Arithmétique, géométrie et arpentage au début du XVe siècle. L'arpenteur arlésien Bertrand Boysset et le calcul. Congrès International de Métrologie Historique, Douai, 1994. *Cahiers de métrologie*. 1996-1997, t. 14-15, p. 47-74.

PORTET, Pierre. *Bertrand Boysset, Arpenteur arlésien de la fin du Moyen Âge (vers 1355/1358 – vers 1416) et ses traités techniques d'arpentage et de bornage*. Toulouse: Université de Toulouse II Le Mirail, 1995. 4 vols. Tese Doutoramento.

PORTET, Pierre. *La vie et la culture de Bertrand Boysset, arpenteur alésien du début du XV siècle. Mélanges offerts à Danielle Neirink*. Paris, 1997.

PORTET, Pierre. *La vie et les oeuvres techniques d'un arpenteur medieval (v. 1355—v.1416)*. Paris: Editions Manusctits, 2004. 2 vols.

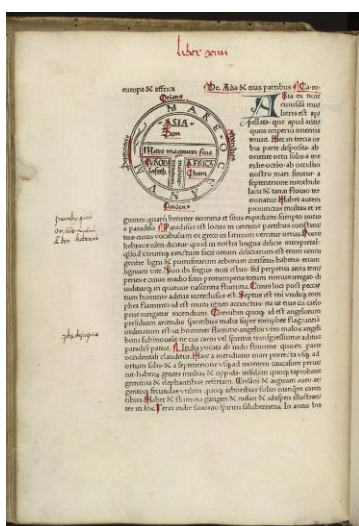
PORTET, Pierre; MONIQUE, Clavel-Lévêque. *Bertrand Boysset, Arpenteur arlésien de la fin du Moyen Âge (vers 1355/1358 – vers 1416) et ses traités techniques d'arpentage et de bornage. Dialogues d'histoire ancienne*. Vol. 22, n° 2, 1996. p. 239.244.

SARTRE, Jean Paul. *L'imaginaire, Psychologie Phénoménologique de l'imagination*. Paris : Gallimard, 1940.

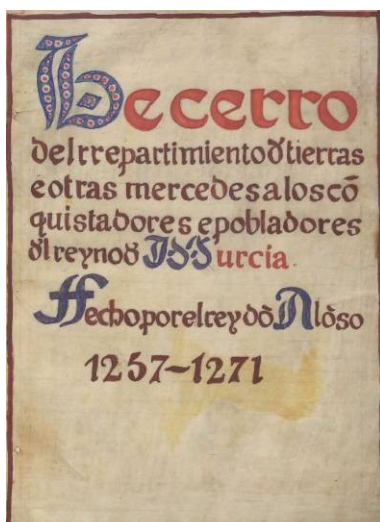
TORRES FONTES, Juan. *Repartimiento de la huerta y campo de Murcia en el siglo XIII*. Murcia: Academia Alfonso X el Sabio, D. L. 1991. TORRES FONTES, Juan – *Medidas de superficie y de valoración en el repartimiento de Murcia*. Murcia, 1959.

VILLAFANE, Justo; MINGUEZ, Norberto. *Principios de Teoria General de la Imagen*. Madrid: Ediciones Pirámide, 2002.

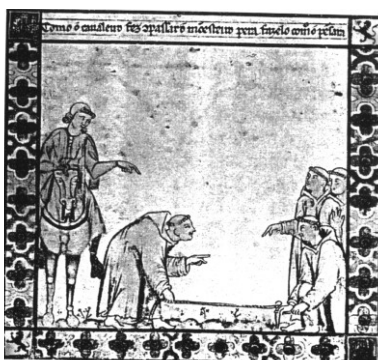
Imagens:



Etymologiae de Isidoro de Sevilha (560-630), 1ª ed. impressa, 1472, título da página do capítulo 14 (De terra et partibus), com mapa de T em O, in, <http://es.wikipedia.org/wiki/Etimolog%C3%ADas>



Libro de Rapartimiento de tierras a los pobladores de Múrcia, original pergaminho, 370x280mm, AMMU, série 3, n.55, in, http://www.regmurcia.com/servlet/s.SI?sit=c,566,a,0,m,2191&r=ReP-11928-DETALLE_REPORTAJES



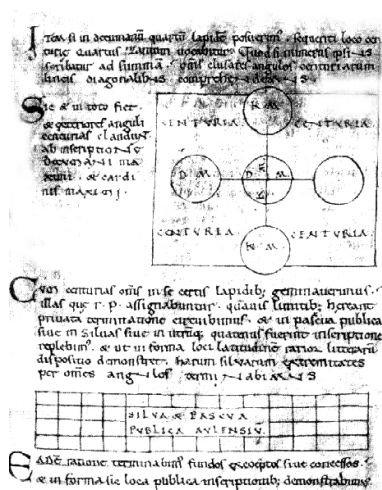
Monges traçando a planta de um mosteiro, Cancioneiro *Cantigas de Santa Maria* (1284), in, ARÉVALO, Federico – *La representación de la ciudad en el Renacimiento*. Barcelona: Caja de Arquitectos, 2003.p.21.



Groma encontrada nas escavações de Pompeia em 1912, Napoli, Museo Archeologico Nazionale, Inv. 286784 ., in, <http://redi.imss.fi.it/inventions/index.php/Groma>



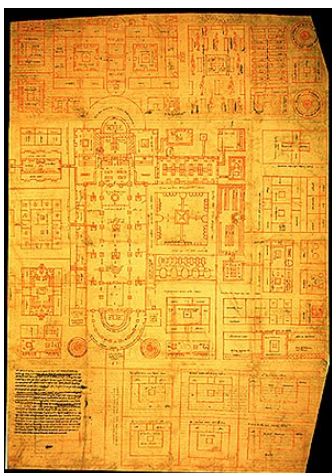
Corpus Agrimensorum Romanorum, séc.V-VI, manuscrito, Biblioteca Herzog August, Wolfenbuttel, (Cod. Guelf. 36.23 Augusteus 2); neste folio é representada uma visão em perspectiva de uma casa e um mapa das linhas de propriedade da casa, in, http://en.wikipedia.org/wiki/Corpus_Agrimensorum_Romanorum



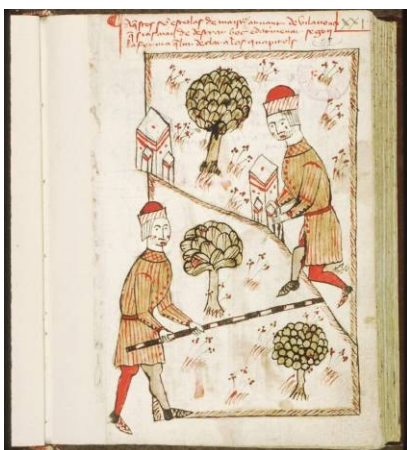
Explicações em planta da obtenção do decumanus maximus e do kardo maximus através de uma groma. Cópia do séc. XII do *Corpus Agrimensorum Romanorum*, British Library Board, Londres, in, ARÉVALO, Federico. *La representación de la ciudad en el Renacimiento*. Barcelona: Caja de Arquitectos, 2003.p.26.



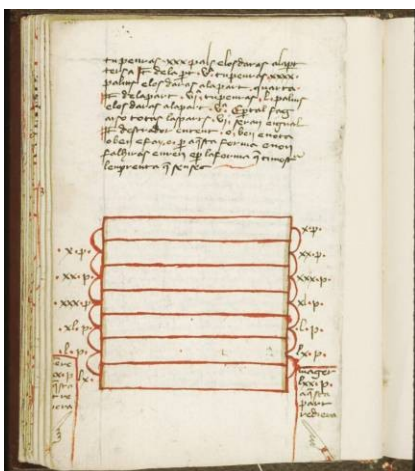
Forma Urbis Romae (204-211d.c.), in, <http://formaurbis.stanford.edu/>



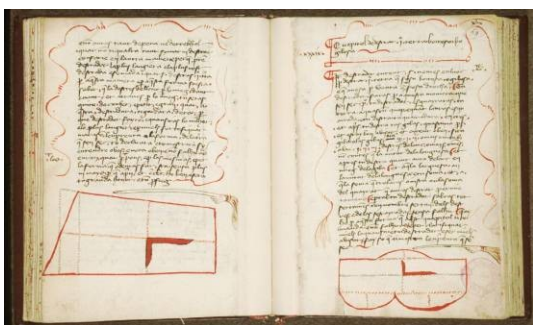
Plano de Saint Gall, c. 820, in, http://en.wikipedia.org/wiki/File:Plan_of_St._Gall_original.jpg



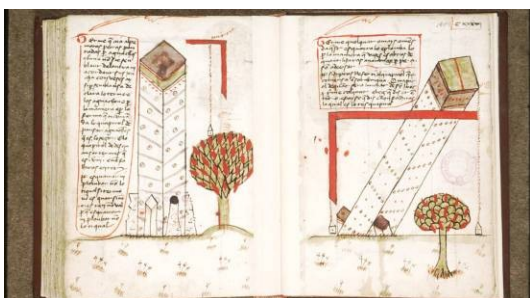
Bertrand Boysset, La siensa de destriar, Carpentras, bibl. Mun. 327, fos 2 à 64v, in, <http://lamop.univ-paris1.fr/sites/arpenteur/edition/Index.htm>



Bertrand Boysset, La siensa de destriar, Carpentras, bibl. Mun. 327, fos 2 à 64v, in, <http://lamop.univ-paris1.fr/sites/arpenteur/edition/Index.htm>



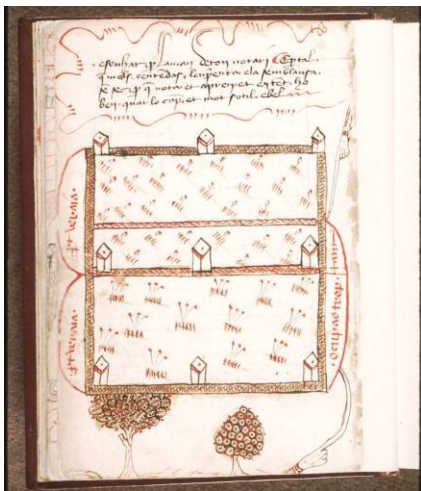
Bertrand Boysset, La siensa de destrar, Carpentras, bibli. Mun. 327, fos 2 à 64v, in, <http://lamop.univ-paris1.fr/sites/arpenteur/edition/Index.htm>



Bertrand Boysset, La siensa d'atermenar, Ch.1 à 91, Carpentras, bibli. Mun. 327, fos 106 à 325. in, <http://lamop.univ-paris1.fr/sites/arpenteur/edition/Index.htm>



Bertrand Boysset, La siensa d'atermenar, Ch.1 à 91, Carpentras, bibli. Mun. 327, fos 106 à 325. in, <http://lamop.univ-paris1.fr/sites/arpenteur/edition/Index.htm>



Bertrand Boysset, La siensa d'atermenar, Ch.1 à 91, Carpentas, bibli. Mun. 327, fos 106 à 325. in, <http://lamop.univ-paris1.fr/sites/arpenteur/edition/Index.htm>



Bertrand Boysset, La siensa d'atermenar, Ch.1 à 91, Carpentas, bibli. Mun. 327, fos 106 à 325. in, <http://lamop.univ-paris1.fr/sites/arpenteur/edition/Index.htm>



IV Simpósio LusoBrasileiro de Cartografia Histórica
ISBN 978-972-8932-88-6

Bertrand Boysset, La siensa d'atermenar, Ch.1 à 91, Carpentas, bibli. Mun. 327, fos 106 à 325. in, <http://lamop.univ-paris1.fr/sites/arpenteur/edition/Index.htm>



Bertrand Boysset, La siensa d'atermenar, Ch.1 à 91, Carpentas, bibli. Mun. 327, fos 106 à 325. in, <http://lamop.univ-paris1.fr/sites/arpenteur/edition/Index.htm>



Bertrand Boysset, La siensa d'atermenar, Ch.1 à 91, Carpentas, bibli. Mun. 327, fos 106 à 325. in, <http://lamop.univ-paris1.fr/sites/arpenteur/edition/Index.htm>

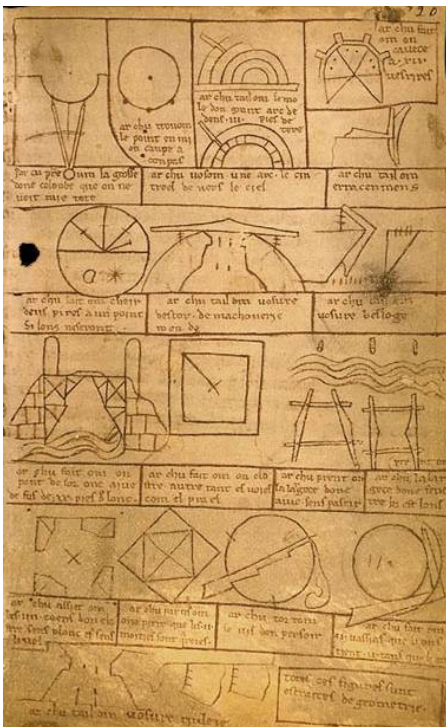


IV Simpósio LusoBrasileiro de Cartografia Histórica
ISBN 978-972-8932-88-6

Bertrand Boysset, La siensa d'atermenar, Ch.1 à 91, Carpentas, bibli. Mun. 327, fos 106 à 325. in, <http://lamop.univ-paris1.fr/sites/arpenteur/edition/Index.htm>



Bertrand Boysset, La siensa d'atermenar, Ch.1 à 91, Carpentas, bibli. Mun. 327, fos 106 à 325. in, <http://lamop.univ-paris1.fr/sites/arpenteur/edition/Index.htm>



Villard de Honnecourt, Caderno (séc. XIII), *Tracés de construction: toutes cês figures sont des traces de géométrie*, Paris, Bibliothèque Nationale de France, num. 19.093, f.39., in, <http://classes.bnf.fr/villard/grand/carnet/39.htm>